

## SAVING FACE - RESENHA

Diretores: Sharmeen Obaid Chinoy e Daniel Junge

40 minutos, 2011

por Joana Marinho<sup>1</sup>

*Saving Face*, um corajoso documentário realizado pelo cineasta norte-americano Daniel Junge e pela paquistanesa Sharmeen Obaid Chinoy, arrebatou em 2012 o Óscar de melhor curta-metragem documental. Ganhou ainda o *Julian-Bartel Award* bem como o *Abu Dhabi Film Festival Audience Choice Award*, ambos em 2012. Junge foi já galardoado com vários prêmios, entre estes um Emmy na categoria de jornalismo de investigação pelo documentário *They Killed Sister Dorothy*. Sharmeen, por sua vez, ganhou o *Livingston Award* pela melhor reportagem internacional, tendo realizado mais dois filmes que se debruçam sobre o Paquistão: *Transgenders: Pakistan's open secret*; e *Pakistan's Taliban generation*. A cineasta foi ainda incluída na lista das 100 pessoas mais influentes de 2012 segundo a revista *Time*.<sup>2</sup>

Este filme tem ganho visibilidade em todo o mundo por explorar um tema chocante mas também por estar sendo divulgado por várias organizações não-governamentais, como a *Human Rights Watch*, o que se compreende se lembrarmos que a co-realizadora Sharmeen Chinoy é também uma jornalista que se tem destacado sobretudo pela defesa dos direitos humanos, debruçando-se sobretudo nos direitos das mulheres, mas trabalhando também com refugiados e comunidades marginalizadas. O filme esteve em exibição em vários festivais de renome, desde São Francisco a Chicago e foi mostrado em vários festivais europeus. Realce-se que é a primeira colaboração dos dois cineastas.

---

<sup>1</sup> É portuguesa, tem 30 anos, é natural de Vila do Conde. Licenciada em direito e mestre em ciência política e relações internacionais. A sua tese de mestrado intitula-se *A administração George W. Bush e a promoção da democracia*.

<sup>2</sup> Aryn Baker, 2013 (Time, Vol. 181, 15, 17)

A arte cinematográfica pode cumprir várias funções, sendo de louvar aqueles realizadores que fogem do mero entretenimento e oblvio da realidade. Ora Daniel Junge e Sharmeen Chinoy são daqueles realizadores ousados que não temem conduzir-nos para territórios desconhecidos, expondo histórias reais de pessoas que vivem situações-limite. *Saving Face* não é excepção, ao focar a sua lente no drama humano e emocional de uma realidade que, infelizmente, ainda atinge muitas mulheres.

Neste documentário os realizadores apresentam-nos os casos de diversas mulheres paquistanesas vítimas de agressão através do uso de ácido. Logo no início da visualização desta curta-metragem, ao mesmo tempo que enfrentámos a imagem de mulheres com as caras desfiguradas (diríamos quase disformes) são-nos apresentados alguns fatos sobre o fenómeno do uso do ácido como instrumento punitivo entre casais paquistaneses, cujo número de vítimas não podemos calcular com precisão, pois que embora cerca de uma centena de ataques sejam registados anualmente, muitos, senão a maioria, não são investigados ou tornados públicos.<sup>3</sup> Este crime é particularmente usado como represália contra mulheres que pedem o divórcio e, por vezes, não são cometidos apenas pelo marido mas também com a ajuda da sua família.

Em apenas 40 minutos estes realizadores abordam um problema delicadíssimo e que só nos últimos anos começou a ser conhecido na sua aterrorizante dimensão, conseguindo reproduzir a tragédia das vítimas dos ataques de ácido, de forma engenhosa, enxuta e avessa a sentimentalismos.

Cruzando o testemunho de algumas mulheres paquistanesas atacadas com ácido ou queimadas após serem regadas com gasolina, com entrevistas a um cirurgião plástico paquistanês radicado em Londres, Chinoy e Junge dão voz às sequelas físicas, sociais e psicológicas que ensombram a vida das vítimas após os crimes.

---

<sup>3</sup> Parece-nos que a impunidade ajuda a explicar as recentes sondagens no Paquistão que revelaram que de uma amostra de 5271 jovens inquiridos sobre o que o pensavam da democracia, 5 anos após a queda da ditadura militar, apenas 23% disseram creditar que a democracia está a ser benéfica para o país. Talvez tão ou mais surpreendentemente 32% dos auscultados disseram que o jugo militar seria mais eficaz, e 38% que a sharia deveria ser a solução. A admiração pela *sharia* explica-se com a incompetência e corrupção que contaminam a administração secular. Mesmo as chamadas bagatelas penais chegam a demorar entre 10 a 18 anos a serem resolvidas pelos tribunais. De acordo com Time,

As histórias de cada mulher entrevistada fazem-nos estremecer pelo que nem podemos almejar compreender. Atente-se a uma das entrevistadas quando esta confessa que costumava ter prazer em tirar fotografias de si, mas que depois do acidente não se atreve a voltar a fazê-lo.

Este documentário vale sobretudo pela denúncia da injustiça que paira sobre quase todos os casos, que ficam impunes, e são geralmente cometidos pelos maridos, mas também por expor o estigma lançado sobre as vítimas. A sociedade paquistanesa é ainda profundamente patriarcal, sendo as mulheres tratadas como cidadãs de segunda categoria. Em consequência, a maioria dos ataques não são reportados à polícia ou as queixas não têm seguimento, seja pelo medo das represálias ou pela dependência financeira da família do marido. Vemos que uma das vítimas é mesmo forçada, sob o risco da penúria e perda da custódia dos filhos, a coabitar com o marido que a desfigurara.

De entre as várias mulheres que aceitaram ser entrevistadas para este filme, Zakhia assume algum protagonismo. Ao longo do documentário vamos acompanhando o processo que Zakhia interpôs no tribunal contra o marido que se encontra em prisão preventiva e, que quando entrevistado para este filme, afirmou ser inocente e ter sido Zakhia que se auto-agrediu. Uma deputada da Assembleia Nacional, Sarkar Abbass assume a causa de Zakhia e de tantas outras mulheres, conseguindo que uma proposta de lei, intitulada *Acid Crime Legislation* que prevê a pena de prisão perpétua para os ofensores, seja votada por unanimidade no Parlamento. Esta lei, descobrimos mais tarde, terá a sua primeira aplicação prática com a declaração do veredicto aplicada ao marido de Zakhia, que acaba condenado a duas penas de prisão perpétua! O facto de a lei ter sido finalmente alterada parece sugerir uma mudança paradigmática de mentalidade no seio do Parlamento, se não atribuímos a mudança apenas à determinação e força persuasiva de uma deputada, Marvi Memon a convencer centenas de deputados. Será que a visibilidade alcançada através de ONG, fundações como a *Acid Survivor's Foundation-Pakistan* e *policy-makers* serviu de trampolim para a aprovação da nova legislação? Independentemente da resposta, a proposta de sanções mais pesadas fez-nos recordar o recente caso indiano em que uma jovem estudante foi barbaramente violada num ônibus e cuja morte posterior provocou uma reação inédita de revolta

em toda a sociedade indiana, impelindo o consenso sobre a necessidade de criminalização dos crimes cometidos contra as mulheres.

Em síntese, o que poderíamos dizer sobre a denúncia trazida pelo filme? Eis um problema que corrói a sociedade paquistanesa (os ataques com ácido são também bastante frequentes na Índia) e que toca num aspeto mais profundo que “apenas” uma agressão violentíssima e irreversível, o dos casamentos combinados, em que a submissão das mulheres, a consideração destas como propriedade de um homem, seja o marido, pai ou irmão, e a dependência económico-financeira destes, é um dos fatores que impede a sociedade paquistanesa de se tornar uma democracia liberal funcional, ao privar metade da sua população da sua integridade e independência. Mas será que podemos circunscrever o problema da violência extrema no seio das famílias de sociedades muçulmanas e esquecermo-nos do número de mulheres assassinadas pelos maridos e companheiros que não tem parado de aumentar nos últimos anos em países europeus como Portugal? E se olharmos o relatório das Nações Unidas sobre a violência sobre as mulheres, quem consta da pior posição é um país não muçulmano, como a República Democrática do Congo, conhecido pela “capital da violação” em que em 2009, mais de 8 000 mulheres foram violadas, um país que Hillary Clinton classificou como “a humanidade no seu pior”.

As mulheres que nos mostram as cicatrizes atrozes que, porém, não nos permitem calcular a dor física que terão sentido nem o estigma que carregam para o resto das vidas, perdem não só a sua beleza e identidade, mas também se veem privadas, frequentemente de seus próprios sentidos, seja a visão, o olfato ou o paladar. O cirurgião Muhammad Jawad explica que, embora no seu consultório em Londres extraísse prazer em lidar com banais operações estéticas, os casos de vítimas de ácido são a sua verdadeira batalha e fonte de satisfação ao tentar devolver uma réstia de dignidade a estas mulheres, através de operações plásticas em que a sua equipa procura debelar as deformações. Realce-se que Jawad opera numa clínica no Paquistão e fá-lo *pro-bono*, no entanto, ousamos perguntar: Será que a sua equipa de cirurgiões consegue dar vazão a todas as situações? Esperamos que haja mais Jawads por esse mundo fora a operar gratuitamente.

Quando ouvimos e vemos as vítimas a exporem a crueldade a que foram expostas, quase nos sentimos impelidos a concordar com uma das vítimas que

quando inquirida sobre as sanções que deveriam ser aplicadas a tais criminosos, dizia com paixão apenas aceitar a velha Lei do Talião que dispõe a retribuição equitativa ao dano que foi causado. No Irã, em que esta prática é também conhecida, embora em números inferiores aos registados no Paquistão, a QISAS ou princípio do Talião é mesmo aplicada a estas situações através do código penal islâmico. Isto soa estranho num país que permanece isolado do mundo pelos seus governantes perpetuarem desde a revolução islâmica um discurso de demonização em relação ao Ocidente, em geral, e aos EUA, em particular, pelos seus valores liberais e permissividade cultural. Por outro lado, é uma lei que nunca seria aceite em qualquer sociedade com um ideário herdado do iluminismo e da tradição judaico-cristã. Em que ficámos? Será que por ser uma sanção tão pesada, dissuade a sua prática, não se verificando tantos casos como no Paquistão ou Índia. Ou será que a lei é ignorada na prática e nada revela sobre a dignidade e respeito pelas mulheres no Irã? Algo para refletir...

No final do filme, somamos duas notícias animadoras. Por um lado, a nova lei demonstra que é possível transformar as mentalidades, pois que as leis anteriores eram brandas e os castigos lenientes resultando na absolvição da maioria dos acusados. Por outro lado, é com enorme satisfação que vemos o prazer com que Zakhia se vê ao espelho após várias cirurgias. É ao ver o sorriso da sua filha adolescente e a maneira confiante com que Zakhia caminha pelas ruas que nos faz acreditar que esta prática irá agora abrandar face à nova lei e que é possível agora a mulheres como Zakhia manterem o seu espírito forte, recuperando sua autoconfiança.

Irá a lei reformulada ser revolucionária ao ponto de colocar um basta nesta prática? Isto é, conseguirá dobrar esta mentalidade patriarcal e menosprezadora da mulher? (recordemos a batalha travada pela menina de 14 anos, Malala Yousafzai que foi notícia por ter sido baleada apenas por não abdicar do direito a frequentar a escola) Ou a própria feitura da lei revela já o início da transformação dos costumes na sociedade paquistanesa?

Este tipo de documentários deveria não só percorrer festivais europeus e norte-americanos mas penetrar nas sociedades onde estes crimes ainda são cometidos, obrigando os perpetradores e todos os coniventes a testemunhar estas pungentes entrevistas.

Finalmente, este documentário pode ser o ponto de partida para discussões mais amplas, abrindo caminho para a possibilidade de debater com frieza as razões para o tratamento dado às mulheres em todo o mundo e não só em sociedades muçulmanas. Os mais recentes estudos efetuados em algumas sociedades apontam para a subida do P.I.B. em correlação proporcional à subida da escolaridade da mulher, quando esta maior requalificação da mulher se repercute na representação das mulheres nos parlamentos, administração pública central e local, bem como na academia e ao nível empresarial. Daí que a participação feminina na política, economia e sociedade seja fulcral para a transição de um país para uma plena democracia liberal. Mais, será que o uso de um método tão bárbaro pode ser atribuído a uma leitura enviesada do Corão ou ao próprio espírito de submissão que alguns definem como a mensagem essencial da religião islâmica?<sup>4</sup> Ou teremos antes de conceber a desconsideração pela integridade física e psicológica das mulheres como independente da religião majoritária do Paquistão e concentrar-nos nos dois Estados em que se registam mais casos de crimes cometidos com ácido: o Paquistão e a Índia. A mulher já era menosprezada quando a União Indiana era colónia do Reino Unido?

Com certeza há quem irá defender o barbarismo desta prática com o argumento já estafado do relativismo cultural, isolando os casos relatados como justificados pelos próprios costumes desta sociedade, marcada pela hierarquia patriarcal em que a mais leve ameaça ao papel e autoridade do homem como *pater familias* autoriza este sinistro castigo. Encarado desta forma, seria apenas uma especificidade local, não devendo alguém exterior arrogar-se de etnocentrismo e deixar estes casos à justiça penal paquistanesa. Fará sentido potenciais críticos deste filme escudarem-se nas tradições e rotularem o filme de anti-islâmico? Não fará mais sentido do que nunca responder a esta argumentação com o direito natural: que essas normas devem ser comuns a toda a humanidade e não às religiões, áreas geográficas ou culturais?

---

<sup>4</sup> Cf. Roger Scruton, 2006, *O Ocidente e o Resto*. A ideia fundamental da obra é a de que o universalismo ocidental contempla o mundo inteiro por um prisma de valores que tem a sua origem, significado e ambiente natural numa pequena parte do planeta. A civilização ocidental é caracterizada pelo debate, espaço público, experimentação científica, dúvida e equilíbrio em oposição ao mundo do Islão em que reina o conflito, a submissão e onde não existe nem tradição de jurisdição territorial nem liberdade pré-política. Daqui se extrai a conclusão de que o mundo do Islão é inóspito à democracia liberal.

Uma última questão que o filme coloca é a das imagens que Junge e Chinoy não se coíbem de usar, não diríamos gratuitamente mas na dose necessária e sensata. Não seria leal, parece-nos, filmar vítimas de tais crimes lesadores da integridade física sem revelar as sequelas. Contudo, podemos questionar-nos sobre o conceito de *development buzz* e se este fará sentido neste contexto. Paul Collier, em *The Bottom Billion*, (2008) dizia neste ensaio que o *development buzz* era desenvolvido por estrelas de rock, celebridades e ONG. O positivo desta prática é que graças a tais eventos, os problemas de África finalmente entraram na agenda do G8 mas o grande problema é que a mensagem transmitida através do *development buzz* tem de ser simples, através de slogans, imagens e raiva. Ora a solução para os problemas (as chamadas “armadilhas” em que estes países se veem enredados são nomeadamente: conflito, recursos naturais, má vizinhança e má governação) do grosso das pessoas que vivem nos Estados que caem no conceito de *bottom billion* não reside na moralização de eventos como o do *Live Aid* ou as entrevistas do Bono, mas sim em políticas múltiplas dentro das próprias sociedades-alvo.

No entanto, as imagens transmitidas por *Saving Face* pretendem alertar e mudar o *status quo* por isso não seria justo integrá-lo num desses eventos apaziguadores da boa consciência ocidental. Não obstante a publicidade e repercussão que muitos dos concertos de solidariedade conseguem obter, não passam de fogo-fátuo face à agenda que tem de ser delineada para os países que mais precisam de mudar. Estaríamos a ser injustos para com este documentário meritório ao divulgarem sem voyeurismos desnecessários uma prática bárbara.